

PLANO DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Priscila da Silva Campos*

Resumo: Uma etapa importante no processo de formação de professores é o estágio supervisionado. No entanto, tal experiência apresenta muitas dificuldades aos alunos, professores em formação. Dificuldade tais como; conseguir articular o conhecimento teórico adquirido com a prática de sala de aula, lidar com a carga horária reduzida e a falta de motivação dos alunos em aprender uma língua estrangeira. Para enfrentar tais dificuldades, a construção do plano de aula é um fator relevante. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é, a partir do estágio supervisionado que desenvolvi no ano de 2014, discutir a importância do plano de aula para lidar com os desafios do estágio e sua relevância para a formação contínua do professor de língua inglesa.

Palavras-chave: Plano de aula. Formação de professores. Estágio supervisionado.

Introdução

Uma das maiores dificuldades dos graduandos das áreas de licenciatura diz respeito a conseguir articular o conhecimento teórico adquirido com a prática de sala de aula. Uma importante etapa que dá oportunidade de pensar na problemática citada é o estágio supervisionado. Durante o período do estágio, os alunos, professores em formação, terão contato com experiências que os possibilitarão refletir na sua própria prática docente. O estágio apresenta diversas situações que desafiam esses novos profissionais a procurar soluções e aprenderem a lidar com as adversidades. No entanto, lidar com as circunstâncias adversas do estágio pode ser um dos maiores desafios que os alunos-professores podem encontrar durante a sua graduação.

Algumas situações adversas no ensino de língua estrangeira estão relacionadas à perda de espaço no currículo escolar e a redução do número de aulas. Outro fator preocupante

* Graduada em Letras - habilitação em língua inglesa e licenciaturas de língua inglesa pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente, mestranda do programa de pós-graduação em Letras pela mesma instituição. E-mail: prica.campos@hotmail.com

é a falta de motivação dos alunos em aprender uma língua estrangeira. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) reconhecem que

na aprendizagem de uma língua estrangeira, fatores como quantidade, intensidade e continuidade de exposição à língua são determinantes no nível de competência desenvolvido e na rapidez com que as metas podem ser atingidas. A administração e a organização do ensino de Língua Estrangeira, no entanto, são inadequadas em relação àqueles aspectos. O número de horas dedicadas à Língua Estrangeira é reduzido, raramente ultrapassando duas horas semanais; a carga horária total, por sua vez, também é reduzida; a alocação da disciplina muitas vezes está em horários menos privilegiados etc. (BRASIL, 1998, p.66).

Apesar das dificuldades salientadas já em 1998 pelo documento citado, o mesmo enfatiza que “é importante que sejam tomadas medidas eficazes para saná-las [as limitações mencionadas pelo documento] (p. 66). Sendo dúvida, uma das medidas eficazes para lidar com as adversidades do estágio é o planejamento das aulas. Pilletti define o plano de aula como “a sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo. (...) é a sistematização de todas as atividades que se desenvolvem no período de tempo em que o professor e o aluno interagem, numa dinâmica de ensino-aprendizagem” (2001, p.73).

Ademais, Fusari salienta que “o preparo das aulas é uma das atividades mais importantes do trabalho do profissional de educação escolar. Nada substitui a tarefa de preparação da aula em si” (2008, p.47). Sendo dúvida, o planejamento das aulas é uma atividade que permite o aluno-professor, que está em formação, pensar na sua própria prática de ensino de forma a articular teoria com a prática de sala de aula.

Portanto, partindo dos desafios enfrentados durante o estágio de língua estrangeira, o seguinte trabalho objetiva discutir a importância do plano de aula para contornar dificuldades comuns ao contexto do ensino de línguas. Para tanto, o objetivo proposto será desenvolvido a partir do relato do estágio de língua inglesa que desenvolvi no ano de 2014 em uma escola pública e periférica do município de Santa Maria, RS. Dessa forma, este trabalho será desenvolvido nas seguintes etapas; 1) apontar os desafios encontrados no estágio de supervisão; 2) discutir como esses desafios foram tratados a partir do planejamento das aulas, 3) relatar os resultados obtidos em relação aos planos de aula propostos. Sendo assim, nesta seção, *Introdução*, discutirei o contexto escolar em que o estágio ocorreu, o perfil dos alunos e o projeto que embasou os planos de aula.

O estágio realizou-se na Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Trata-se de uma escola da cidade de Santa Maria, RS, na rua Capitão Vasco da Cunha, nº1390, bairro Boi Morto. Apesar de não estar situada em uma região

privilegiada da cidade, a escola apresenta uma infraestrutura a qual comporta a quantidade de alunos matriculados e propicia diferentes recursos da aprendizagem. No que diz respeito à infraestrutura da escola, esta possui laboratório de informática, ciências, um mini auditório de multimídia e acesso à internet *wi-fi*. O estágio foi ministrado na turma 102 referente ao primeiro ano do ensino médio no período da noite. A turma era composta de alunos entre 16 a 22 anos. A maior parte dos alunos trabalhava ou cursava cursos técnicos durante o dia. A aula de língua inglesa concentrava-se em um período semanal na sexta-feira à noite. Dessa forma, embora o grupo de alunos fosse numeroso na lista de chamada, poucos alunos compareciam às aulas; em algumas noites estavam presente dez alunos e em outras apenas quatro.

Antes do início do estágio a turma foi observada e foi proposto um projeto que embasasse os planos de aula. A escola, todos os anos, estabelece um projeto para que todos os alunos possam se envolver em atividades durante as aulas e atividades extracurriculares. Assim, todas as disciplinas, em algum momento, a critério do professor, devem relacionar seus planos de aula com o projeto escolar. No ano anterior, o projeto da escola era intitulado “Vitrine Brasil”. Visto que 2014 foi ano de Copa do Mundo e de eleições presidenciais, o projeto concentrou-se em discutir as riquezas, problemas e o futuro do país com objetivo de ajudar os alunos a refletir sobre o seu papel na sociedade brasileira. O projeto não teve apenas o objetivo de trabalhar questões geográficas, históricas ou as demais áreas do conhecimento separadamente, mas que os alunos, a partir do conhecimento formal adquirido, pudessem estabelecer conexões com a sua realidade e em consequência, fossem estimulados a desenvolver um pensamento reflexivo e crítico a cerca do mundo que os rodeia. Em consequência, as aulas de língua inglesa foram pensadas de forma a estarem adequadas ao projeto da escola e que pudessem, a partir da língua estrangeira, desenvolver e estimular o pensamento crítico, reflexivo e argumentativo dos alunos.

Os objetivos do projeto de planejamento de aulas (inserido no projeto guarda-chuva da escola, “Vitrine Brasil”) estavam relacionados aos alunos e ao professor. Em relação aos alunos os objetivos consistiam em; 1) relacionar temas que envolvessem o país, sua cultura, geografia, história, problemas sociais, entre outros com as aulas de língua inglesa; 2) proporcionar e encorajar um posicionamento por parte dos alunos em relação à temática trabalhada em sala de aula de forma a adequar-se ao objetivo maior da escola: ajudar os alunos a discutirem seu papel na sociedade brasileira. Em relação ao professor, o objetivo do planejamento de aulas consistia em desafiá-lo a pensar na sua posição como profissional a partir de uma prática docente reflexiva (RICHARDS, NUNAM, 1990).

Portanto, a partir do contexto mencionado, na próxima seção tratarei de dois dos objetivos propostos anteriormente; 1) apontar os desafios encontrados no estágio de supervisão, 2) discutir como esses desafios foram tratados a partir do planejamento das aulas. Para tais, apresentarei o referencial teórico (em três pontos principais) que embasaram o planejamento das aulas e os elucidarei com um dos planos de aula propostos durante o estágio.

1 Desenvolvimento

Nesta seção focarei em três dificuldades comuns ao contexto do estágio de língua inglesa. Primeiro, a grande diferença no número de alunos presentes de uma semana para a outra. Muitas vezes, alguns alunos faltavam três aulas consecutivas e voltavam a assistir a quarta aula sem ter a mínima ideia do que havia sido tratado nas aulas anteriores. Segundo, a carga horária reduzida e período menos privilegiado. A disciplina de língua inglesa possuía apenas um período semanal de quarenta minutos na sexta-feira à noite. Os feriados nacionais concentrados nas sextas-feiras e atividades extracurriculares neste dia, muitas vezes, atrapalharam a continuidade das aulas. Terceiro, a falta de motivação dos em aprender uma língua estrangeira. O descaso por parte dos alunos em relação à disciplina era nítido em suas faltas, atrasos e descompromisso com o material escolar.

Diante deste panorama, o planejamento das aulas foi crucial para contornar tais circunstâncias. Dessa forma, o projeto pensando para os planos de aula foi baseado no seguinte referencial teórico disposto em três pontos principais: ensino contextualizado (que faça sentido para o aprendiz), ensino formador de consciência crítica e a prática docente auto reflexiva.

O ensino contextualizado já é mais do que reconhecido como um importante fator no ensino de línguas. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* enfatizam que o ensino de língua estrangeira deve abordar “conhecimento de mundo” do aluno (1998, p. 73). Sem dúvida, o conhecimento de mundo do aluno, ou seja, o seu conhecimento prévio está relacionado com o contexto em que ele está inserido. Dessa forma, privilegiar o que o aluno “já sabe” o torna seguro para aprender o que ele “não sabe” tornando a aprendizagem significativa. Segundo Carl Rogers (2002), a aprendizagem é significativa quando o aluno percebe a relevância do que estuda e o valor prático do conhecimento que está sendo adquirido. Para levar em consideração o contexto escolar, no início do estágio foi aplicado um questionário a turma de

forma a analisar seus gostos e preferências pautados em temas, para assim; poder privilegiar tais em sala de aula.

No que diz respeito ao ensino formador de consciência crítica, levou-se em consideração um dos objetivos propostos pelas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. O documento salienta que o aprendiz, através do ensino e aprendizagem de língua estrangeira, deve “construir consciência linguística e consciência crítica” (2006, p.66). Ademais, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* destacam que a língua estrangeira “tem um valioso papel construtivo como parte integrante da educação formal. Envolve um complexo processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica, com valor intrínseco importante no processo de capacitação (...) a língua estrangeira (...) é parte da construção da cidadania” (1998, p.41). Portanto, reconhecendo a importância de se instigar o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos alunos, em cada plano de aula uma das aulas estava destinada à leitura crítica da temática trabalhada.

A prática docente reflexiva está intimamente ligada à disposição do professor em ser crítico em relação a sua prática pedagógica. Para Richard e Nunan o aprimoramento do ensino pode ser alcançado através da reflexão. Tal reflexão envolve que o professor se interesse em solucionar problemas em sua prática pedagógica, em testar as suas ideias através de seu ensino e refletir sua prática docente fundamentada no contexto escolar (1990, pp 203-207). A reflexão sobre a prática docente é um processo que permeia não só a construção do plano de aula como também sua aplicação e a avaliação dos seus resultados. Portanto, de forma a exemplificar como esses três pontos foram priorizados nos planos de aula para que fosse possível lidar com as três dificuldades mencionadas no início dessa seção, apresentarei um dos planos de aula aplicados e discutidos em sala de aula.

Os planos de aula, em sua maioria, eram divididos em quatro aulas de quarenta minutos cada uma. Um dos planos de aula ministrados durante o estágio abordava a temática *Likes and Dislikes*. Essa temática foi escolhida a partir das respostas dos alunos no questionário aplicado logo no início do estágio. Assim, foi possível abordar um tema que é comum ao contexto dos adolescentes os quais frequentemente expressam suas preferências pessoais. O objetivo do plano de aula consistia em fazer uma relação entre a realidade dos alunos e a língua inglesa. Como as atividades foram planejadas de forma a se relacionarem com o projeto da escola, Vitrine Brasil, os exemplos usados para discutir *likes and dislikes* estavam relacionados às diversidades em relação a nacionalidades.

Na primeira aula, a temática foi apresentada a partir de várias figuras. Os alunos teriam que, a partir das imagens, inferir “verdades universais”. Por exemplo, uma imagem de um gato de rato, qual é a verdade universal envolvida? Que gatos não gostam de ratos, ou seja, *cats do not like mouses*. Dessa maneira, os alunos teriam que pensar em *likes* e *dislikes* de uma forma geral. No final de cada aula, os alunos deveriam realizar uma atividade avaliativa. Tal atividade visava motivar a presença dos alunos em sala de aula, pois como eles estavam sendo avaliados todas as aulas, era imprescindível a sua presença. Nesta aula, a atividade final era um questionário (perguntas e alternativas em inglês) o qual os alunos deveriam expressar suas preferências de esportes, comida, musica etc. Na segunda aula, os alunos continuaram a relacionar imagens com “verdades universais”, de acordo com nacionalidades. Do que os alemães gostam? Do que os italianos gostam? Do que os brasileiros gostam? Nas imagens, foi resgatada a discussão do plano de aula anterior sobre estereótipos, principalmente, aqueles que envolvem o Brasil; todos os brasileiros gostam de caipirinha? Todos os brasileiros gostam de carnaval? Todos os brasileiros jogam e gostam de futebol? Na atividade final, os alunos utilizaram o questionário da aula passada para construir frases com os verbos *to like*, *to love* e ainda, *to hate* para expressar o que gostam ou não. Dessa forma, eles puderam usar o vocabulário que haviam aprendido nas aulas anteriores de forma a expressar as suas preferências.

Na aula seguinte, o objetivo era expandir a temática de sentenças isoladas para um texto de forma a instigar o desenvolvimento das habilidades de leitura. O texto escolhido tem por título: “*What do you do for fun? The question I hate most*”. Foram pensadas atividade de pré-leitura, leitura e pós-leitura sobre o texto. Como os alunos não haviam tido contato com estratégias de leitura, foi necessário fazer cada um dos exercícios junto com eles além da leitura do texto. Em resultado, os alunos puderam perceber como as frases que eles haviam elaborado estavam presentes na unidade de sentido estabelecida pelo texto. E por último, na aula destinada à leitura crítica da temática abordada os alunos assistiram ao vídeo “*Dove – Real Beauty Sketches*”. Apenas pelas imagens os alunos teriam que inferir do que se tratava o vídeo. Depois de perguntas iniciais como; “O que se pode compreender do vídeo? Qual é o tema abordado? Como esse tema está relacionado ao nosso cotidiano?”, os alunos teriam que discutir em grupo e depois expor para a turma a diferença retratada pelo vídeo entre como no individualmente nos vemos e como os outros nos veem. Assim, na atividade final os alunos tinham de se descrever relatando suas preferências e depois pedir que um colega o descrevesse e tentasse dizer do que ele gostava ou não e no final comparasse as diferentes

descrições. O objetivo dessa atividade era que os alunos pudessem perceber que apesar das diferenças físicas e de personalidades todos eles tem pontos em comum que devem ser respeitados, ou seja, que são nas nossas singularidades que nos constituímos como cidadãos e fazemos parte do coletivo.

O plano de aula descrito tentou dar conta das dificuldades mencionadas por; 1) planejar atividades finais em cada aula para motivar a presença dos alunos em sala; 2) dividir a temática abordada em várias aulas e destinar poucas tarefas a serem trabalhadas a cada aula para possibilitar o aproveitamento dos quarenta minutos semanais e dar uma continuidade lógica na distribuição das aulas; 3) relacionar a temática das aulas com o contexto dos alunos e suas preferências, trabalhar com imagens e vídeos para motivá-los a participar nas aulas e a ter um compromisso maior com sua assiduidade e seu material escolar.

Por fim, no que diz respeito às três referências teóricas mencionadas que embasaram a construção do plano de aula percebeu-se que; 1) partir das respostas dos questionários dos alunos propiciou utilizar seu conhecimento de mundo e preferências para estruturar aulas que priorizassem a compreensão do valor prático do que estava se ensinando; 2) separar uma das aulas para instigar o pensamento crítico deu espaço para que os alunos pudessem se expressar e refletir sobre questões sociais, políticas, históricas e assim por diante, as quais estão relacionadas a todo e qualquer processo comunicativo. E por último, o terceiro ponto que diz respeito à prática docente auto reflexiva foi crucial para os resultados obtidos discutidos na próxima seção.

2 Resultados

Explanando a necessidade de que o professor pense em sua prática docente de maneira reflexiva, Richards e Nunan (1990) mencionam que no processo de se tornar criticamente reflexivo é crucial fazer-se perguntas. Por isso, proponho três perguntas cruciais: Os objetivos do plano de aula foram alcançados? O que deu certo o que não deu? Em que medidas o plano de aula poderia ser melhorado?

Como mencionado, os objetivos do projeto de planejamento de aulas eram se adequar ao projeto guarda-chuva da escola, contornar as dificuldades percebidas através da observação feita antes do período de estágio e relacionar a prática docente com o referencial teórico mencionado. É possível afirmar que esses objetivos foram alcançados na medida em que os

alunos tornaram-se mais assíduos nas aulas, participativos e realizaram as tarefas finais propostas.

As atividades finais e as aulas destinadas à leitura crítica da temática abordada foram pontos positivos do plano de aula. Ao analisar comparativamente as primeiras atividades propostas com as ultimas percebeu-se um avanço do conhecimento linguístico e de entendimento sobre os temas propostos. Nas aulas em que foi proposto a participação dos alunos de uma forma crítica sobre o tema abordado, muitos conseguiram posicionar-se em frente ao assunto e defender as suas opiniões. Porém, um dos pontos negativos que deveriam ter sido considerados melhor no plano de aula diz respeito à articulação entre as aulas e a temática “Vitrine Brasil”. O projeto escolar foi abordado nas aulas a partir de exemplos, não foi o foco principal das aulas. Outra dificuldade foi lidar com a descontinuidade das aulas em função de feriados ou atividades extracurriculares.

Não há dúvidas que o plano de aula é essencial para a formação de alunos-professores e de professores em formação contínua. Em sua maioria, os resultados obtidos durante o estágio supervisionado de língua inglesa no ano de 2014 foram positivos. Tal resultado foi possível através do planejamento de aulas focado no contexto escolar, na formação crítica dos alunos e no processo de reflexão da prática docente. Sem dúvida, não é fácil ser honesto consigo mesmo e avaliar as nossas qualidades e falhas como professores, mas isso é essencial para o aprimoramento de nosso ensino e com certeza, tal reflexão é mediada pelo plano de aulas. O plano de aula permite pensar em como contornar as dificuldades da realidade da prática pedagógica, refletir em como articular o conhecimento teórico com a docência e a partir dos resultados avaliar nosso próprio desempenho como professor.

Conclusão

Não há como duvidar que o professor tem um papel indispensável na formação humana, isto é, o professor tem uma grande responsabilidade perante a sociedade. Por esse motivo, é inaceitável a improvisação docente por causa da falta de planejamento das aulas. Além disso, o professor não deve encarar o livro didático como uma “muleta” e a solução para não se planejar as aulas. Schimitz destaca que toda e qualquer atividade deve ser planejada, pois o planejamento garante os resultados. Ademais, o planejamento escolar exige um “planejamento sério” (2010, p. 101). Acima de tudo, o planejamento das aulas é essencial para a formação de alunos-professores que serão inseridos no mercado de trabalho e também

para aqueles que já estão atuando na área. Ser professor significa estar em um processo contínuo de formação e aprendizagem. Como professores nunca deixamos de ser aprendizes e eternos estudantes.

Richrads e Nunan, já citados anteriormente, propõem perguntas às quais creio que serem essenciais para a formação contínua de professores: o que me motivou a ser professor de língua estrangeira? Essas motivações ainda existem hoje? O que significa ser um professor? O professor que eu sou é a pessoa que eu sou? (1990, p.206). Sendo dúvida, não se pode ter sucesso como professor sem ser honesto consigo. Essas perguntas não podem ser ignoradas, mas devem ser problematizadas na construção do plano de aula, na sua aplicação e na avaliação dos resultados. Além disso, outro fator importante proporcionado pelo plano de aula é que os alunos-professores que estão começando a carreira do magistério adquirem confiança e experiência na prática docente. Sabemos que a realidade escolar é um desafio, por isso precisamos que os professores busquem cada vez mais estar capacitados para lidar com essas dificuldades. A situação educacional atual não irá mudar se os professores não buscarem uma formação continua de forma a refletir criticamente em sua prática docente.

Referências

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília; MEC/SEF, 2006, p. 66.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua estrangeira. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília; MEC/SEF, 1998, pp. 66,41;63.

FERREIRA, B. A aprendizagem na perspectiva humanista; Carl R. Rogers, In: LA ROSA (org.). **Psicologia e educação**: o significado do aprender. 7 ed – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. Cap 7, pp. 149-167.

FUSARI, J. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/prp_a.php?t=016>. Acesso em: 12 mar. 2015.

PILETTI, C. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.p.73.

RICHARDS, J, NUNAN, D. **Second language teacher education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. pp. 203-207.

SCHMITZ, E. **Fundamentos da Didática**.7. Ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2000. p. 101.